



## JOÃO PEDRO: UM SALTO PARA ALÉM DA ESTIGMATIZAÇÃO

Marcus Moraes

Carla K. Vasques

410

### RESUMO

Este estudo estabelece um diálogo entre a autobiografia de João Pedro, um músico com deficiência, e a teoria histórico-crítica, com o objetivo de compreender e abordar as barreiras atitudinais e seus impactos sociais. Três entrevistas, realizadas entre dezembro de 2021 e junho de 2022, foram gravadas, transcritas e validadas pelo participante. Com base nessas narrativas, identificamos conexões entre os processos de apropriação e objetivação e seu papel nos desenvolvimentos pessoal e profissional de João Pedro. Nossos resultados evidenciam a insuficiência das políticas públicas e ações de reconhecimento e justiça social para romper o ciclo de estigmatização enfrentado pelas pessoas com deficiência. Concluimos que uma verdadeira ruptura desse estigma exige uma abordagem personalizada, levando em consideração as particularidades de cada sujeito, incluindo seus processos de apropriação e objetivação, destacando a necessidade de uma transformação profunda nas atitudes e percepções sociais em relação às pessoas com deficiência.

### Palavras-Chave

Estigma; Deficiência; Historiografia.

## JOÃO PEDRO: UN SALTO MÁS ALLÁ DE LA ESTIGMATIZACIÓN

### RESUMEN

*Este estudio establece un diálogo entre la autobiografía de João Pedro, un músico con discapacidad, y la teoría histórico-crítica, con el objetivo de comprender y abordar las barreras actitudinales y sus impactos sociales. Se realizaron tres entrevistas entre diciembre de 2021 y junio de 2022, que fueron grabadas, transcritas y validadas por el participante. A partir de estas narrativas, identificamos conexiones entre los procesos de apropiación y objetivación y su papel en los desarrollos personales y profesionales de João Pedro. Nuestros resultados evidencian la insuficiencia de las políticas públicas y acciones de reconocimiento y justicia social para romper el ciclo de estigmatización enfrentado por las personas con discapacidad. Concluimos que una verdadera ruptura de este estigma requiere un enfoque personalizado, teniendo en cuenta las particularidades de cada individuo, incluyendo sus procesos de apropiación y objetivación, resaltando la necesidad de una transformación profunda en las actitudes y percepciones sociales hacia las personas con discapacidad.*

### Palabras clave

*Estigma; Discapacidad; Historiografía.*



## JOÃO PEDRO: A LEAP BEYOND STIGMATIZATION

### ABSTRACT

*This study establishes a dialogue between the autobiography of João Pedro, a musician with a disability, and the historical-critical theory, aiming to understand and address attitudinal barriers and their social impacts. Three interviews conducted between December 2021 and June 2022 were recorded, transcribed, and validated by the participant. Based on these narratives, we identified connections between the processes of appropriation and objectification and their role in João Pedro's personal and professional developments. Our results highlight the inadequacy of public policies and actions for recognition and social justice in breaking the cycle of stigmatization faced by people with disabilities. We conclude that a true rupture of this stigma requires a personalized approach, taking into account the particularities of each individual, including their processes of appropriation and objectification, emphasizing the need for a profound transformation in attitudes and social perceptions towards people with disabilities.*

### Keywords

*Stigma; Disability; Historiography.*

## 1 INTRODUÇÃO

A Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) estabelece que uma pessoa com deficiência é aquela que enfrenta um impedimento de longo prazo, seja físico, mental, intelectual ou sensorial, juntamente com uma ou mais barreiras que dificultam sua plena participação na sociedade em igualdade de condições.

Dentre essas barreiras, as atitudinais ganham destaque, englobando comportamentos e preconceitos arraigados que podem impedir ou prejudicar a participação da pessoa com deficiência em igualdade de oportunidades (Brasil, 2015). Essas barreiras refletem e sustentam os estigmas enraizados na sociedade.

Do ponto de vista social, é fundamental considerar o estigma como fator determinante na criação de barreiras que limitam o acesso aos serviços básicos, como saúde, educação, emprego, transporte e informação, para a população com deficiência. Como resultado, essas pessoas, frequentemente, enfrentam maiores índices de pobreza, piores níveis de saúde e educação, além de uma participação econômica reduzida, iniciando um ciclo de vulnerabilidade difícil de ser superado, especialmente no atual cenário político-econômico brasileiro (Madruga, 2013).



Compreende-se a constituição do estigma enquanto elemento de segregação social, a partir das relações estabelecidas entre cada indivíduo e o meio no qual está inserido. Em outras palavras, tanto a sociedade, que “estabelece os meios de categorizar as pessoas”, ditando quais atributos devem ser tidos como comuns e naturais para seus membros, como os ambientes sociais, responsáveis em estabelecer as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem ali encontradas, são pontos fundamentais para se entender a dinâmica que resulta em estigma (Goffman, 1963).<sup>1</sup>

De acordo com Goffman (1963), o estigma não é uma característica inerente aos indivíduos, mas é determinante para a forma que se dão as relações de pessoas com deficiência e a sociedade. É exatamente nessas relações, à medida que se estabelecem as interações, na sua dialética, que o estigma se constitui, na percepção de si, a partir de si mesmo e da percepção do outro, do olhar do outro, ou seja, o estigma é uma construção social/cultural. Percebe-se, especialmente no corriqueiro pensamento do sujeito incapaz, que ao realizar alguma atividade, é digno de admiração e/ou exemplo de superação aos olhos dos ditos “normais e capazes”.

Com isso, o estigma, em sua forma processual, apresenta-se como constituinte não só das maneiras como o indivíduo se percebe ou é pelo outro percebido, mas também pelas suas projeções, expectativas e/ou ações e reações para eventos futuros, meios nos quais passa a estar e/ou em que pretende atuar.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo compreender em que medida os processos de apropriação e objetivação, ao considerar a deficiência como um elemento social, podem indicar rupturas nas relações entre esses indivíduos e o estigma em sua forma social e processual; assim como de que maneira esses processos, enquanto sociais, potencializam as relações dessas pessoas com o mundo no qual vivem. Do mesmo modo, procura responder: ser um agente social, ou seja, perceber-se como um agente social, torna possível romper os grilhões sociais da deficiência a partir das historicidades constituídas?

Para alcançar nosso objetivo, adotamos uma abordagem de pesquisa autobiográfica, explorando as relações entre o indivíduo e seu ambiente, levando em consideração os

---

<sup>1</sup> Optamos por utilizar o termo “estigma” como categoria analítica, a despeito do termo “capacitismo” ser mais utilizado recentemente. Consideramos que o capacitismo se relaciona às representações sociais e aos processos estigmatizantes, aqui compreendidos a partir dos estudos de Goffman (1963).



contextos históricos, sociais e políticos, especialmente a significação atribuída pelos próprios indivíduos a esses processos (Delory-Monberger, 2012). João Pedro, participante desta pesquisa, é um homem branco de 32 anos, residente na cidade de Porto Alegre/RS, com diagnóstico de retinopatia da prematuridade (cegueira). Ele é professor de música, possui licenciatura em Música e pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Foram realizadas três entrevistas com João Pedro, durante os meses de dezembro de 2021 a junho de 2022, com o intuito de identificar pontos fundamentais, incluindo seus contextos familiares e sociais.<sup>2</sup> As entrevistas foram gravadas e transcritas, a fim de que o participante conferisse a fidelidade entre falas e transcrição. Com base nessas entrevistas, procuramos identificar momentos-chave nas narrativas de João Pedro que permitissem estabelecer pontos de conexão em seus processos de apropriação e objetivação, bem como as relações desses momentos históricos com seu desenvolvimento musical, tanto em nível pessoal quanto profissional.

O presente artigo é organizado em três seções. A primeira corresponde à introdução. A segunda refere-se diretamente aos processos de apropriação e objetivação como fundamento constituinte dos processos históricos de João Pedro. Na perspectiva histórico-dialética, somos o resultado daquilo que passamos ao longo de nossa trajetória de vida, as experiências, as emoções, as situações que vivenciamos ou que observamos. Isso nos constitui como a consequência de nossa própria história e dela causantes, da mesma forma que das trajetórias de vida daqueles que interagem conosco ou que de suas trajetórias surtem resultados em nós. Somos, portanto, constituídos por nós mesmos em nossas individualidades, singularidades, particularidades, tanto quanto em nossa expressão coletiva, no entrelaçamento das individualidades, singularidades e particularidades de outrem. Dessa forma, o sujeito/indivíduo é resultado de toda sua trajetória histórica, substantivado na composição de sua historicidade, logo, um ser sócio-histórico, objetivado em todo o processo.

Posteriormente, buscamos estabelecer relação reflexiva entre os conceitos biomédicos da deficiência em contraste ao modelo social da deficiência. Dessa forma, temos presente os elementos que nos permitem desenvolver uma análise capaz de romper com o estigma da deficiência enquanto manifestação da lesão na forma de suas características

---

<sup>2</sup> Aprovação do TCLE pelo Conselho de Ética em Pesquisa da UFRGS, número 45530921.5.0000.5347.



determinantes de quem vem a ser o indivíduo. Por meio dessa análise, pretende-se superar o estigma associado à deficiência, que muitas vezes é compreendida apenas como uma manifestação de lesão ou uma série de características determinantes que definem o indivíduo.

Nesse processo, uma nova perspectiva de conceber a deficiência é proposta. Em vez de focar no indivíduo como o centro da definição da deficiência, o argumento defende que devemos considerar as pessoas com deficiência como personagens sociais, dotados de suas próprias potencialidades e como sujeitos históricos inseridos em um contexto social. Esses sujeitos históricos desempenham um papel na formação de um modelo social da deficiência. Isso significa que a deficiência não é apenas uma questão médica ou biológica, mas também um fenômeno sociológico que é moldado e influenciado pelo ambiente social em que esses sujeitos/indivíduos vivem. Portanto, a abordagem proposta busca transcender as visões tradicionais da deficiência, que tendem a estigmatizar as pessoas com deficiência, e promover uma compreensão mais ampla da diversidade humana.

Essa foi a revolução dos estudos sobre deficiência surgidos no Reino Unido e nos Estados Unidos nos anos 1970. De um campo estritamente biomédico confinado aos saberes médicos, psicológicos e de reabilitação, a deficiência passou a ser também um campo das humanidades. Nessa guinada acadêmica, deficiência não é mais uma simples expressão de uma lesão que impõe restrições à participação social de uma pessoa. *Deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente* (Diniz, 2007 p. 5, grifo nosso).

Por fim, observaremos os processos constituídos de estigmatização. Quando João Pedro narra sua trajetória como músico, como pessoa com deficiência, ao contar sobre as situações sociais, os contextos escolar, familiar e laboral, compartilha componentes de uma individualidade que, agora e ao longo de todo seu processo histórico, são causantes e resultantes de si mesmo e suas relações consigo, com os outros e com o mundo, na forma de suas relações sociais.

## **2 JOÃO PEDRO: UMA HISTORICIDADE CONSTITUÍDA NA DIALÉTICA ENTRE O INDIVÍDUO, AS APROPRIAÇÕES E AS OBJETIVAÇÕES**

Entende-se, a partir da teoria histórico-crítica, que a formação do sujeito se dá, principalmente, pelas inúmeras relações, as quais são constituídas entre ele e o meio em que vive, sendo o meio determinado por essas mesmas relações, em si, e as condições dadas pelo



trabalho e também pelos instrumentos que se utiliza para a realização desse trabalho, bem como a motivação para que este aconteça. Dá-se o nome de “contexto” a esse conjunto de relações, operações, elementos e objetos em que o sujeito se encontra e se reconhece como sendo parte de si, ao mesmo tempo em que faz parte dele (do contexto).

Passa-se, então, a compreender o sujeito como uma representação de toda a complexidade resultante dos processos históricos pelos quais perpassa e sobre ele se age e/ou dele sofre ação. Dessa forma, o sujeito/indivíduo é resultado de toda sua trajetória histórica, substantivado na composição de sua historicidade, logo, um ser sócio-histórico, objetivado em todo o processo.

João Pedro, um jovem músico, no período inicial deste estudo, dezembro de 2021, estava com 33 anos de idade. Nasceu em Canoas e cresceu em Novo Hamburgo, ambas na região metropolitana de Porto Alegre. João Pedro se tornou participante desta pesquisa por ser deficiente visual desde seus primeiros momentos de vida, já que sofreu lesões permanentes nos olhos e na visão no período em que estava na incubadora. Teve seus primeiros anos de escola na cidade de Novo Hamburgo, indo morar em Porto Alegre aos 9 anos de idade, onde concluiu seus estudos até o Ensino Médio. Por volta de 19 anos de idade, ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no curso de licenciatura em Música, onde se formou. A transferência dele e da família para Porto Alegre se deu para que ele pudesse estudar na Escola Santa Luzia, que é especializada no ensino para alunos com deficiência visual. De acordo com nosso participante, não havia recursos para o ensino de alunos com deficiência visual na escola e/ou rede municipal de Novo Hamburgo no período em que ali estudava. Em Porto Alegre, João Pedro teve acesso a uma formação musical propriamente dita e assim pôde desenvolver suas habilidades no piano, assim como no acordeom, que aqui no Rio Grande do Sul se chama gaita ou cordeona. Posteriormente, após sua formação universitária, prestou concurso público na rede municipal de ensino na área de Artes com ênfase em Música. Desde então, exerce a docência no Ensino Fundamental. Mais tarde, recebeu convite para trabalhar em um município da região metropolitana de Porto Alegre/RS, na Secretaria de Educação, como consultor em inclusão e na formação de professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE). (Diário do pesquisador.)

Ser um indivíduo é ser a consequência de tudo o que é ou como viveu, bem como sobreviveu, tanto quanto a consciência que se tem desse processo até o momento, na forma da manifestação de nossa existência. “Em suma, a formação do indivíduo é resultado da permanente e essencial dialética entre a objetivação da atividade humana e apropriação da atividade objetivada nos produtos materiais e ideativos” (Duarte, 2017, p. 77).

Na historicidade humana, a cada interação com os objetos de nossa realidade e por meio dos instrumentos utilizados, novos elementos e uma nova realidade surgem, à medida



que sobre ela agimos. Assim, a cada processo de apropriação desencadeado e a cada nova necessidade emergente, outras novas condições se apresentam e se fazem necessárias. “A dinâmica própria da atividade vital humana, a relação entre objetivação e apropriação, realiza-se, portanto, sempre em condições determinadas pela atividade passada de outros seres humanos (Duarte, 2017, p. 58).

As realidades individuais, constituídas das relações/interações, aqui defendidas, passam a ser o que se denomina o mundo, o qual passa a existir com outra significação. Conforme esses indivíduos ampliam suas interações com esse mundo, percebem-se coexistindo em uma realidade social, permitindo-se compor um universo novo de ressignificações aos sentidos dados a esse mesmo mundo. Por esse termo, entendemos que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado (Vygotsky, 1994, p. 37).

Esse conjunto de processos é, por sua vez, a resultante direta de sua própria complexidade, que se apresenta como elementos inerentes à formação de si. Ao serem operados no interior de cada indivíduo de forma consciente ou inconsciente, manifestam-se para o mundo como um novo processo de manutenção dessa dinâmica, permanente, cíclica e continuamente transformada por essas próprias dinâmicas. Algo que podemos apontar, conforme nos traz João Pedro, como uma realidade corriqueira para as pessoas, mas muito especialmente na vida e no cotidiano daquelas com deficiência.

*“[...] essa técnica foi muito no fazer mesmo, foi na faculdade, um professor sempre me incentivou muito, ele disse ‘tu vai ter que treinar o salto, pensa na sinestesia corporal, tu vai ter que testar; às vezes mesmo quem enxerga faz sem olhar’. Hoje não tenho o mesmo domínio de quando estava na graduação, pois tinha tudo mais na mão, o estudo e tal. Lógico que tenho ainda muitas coisas técnicas pra superar, mas é mais questão de estudo mesmo, não pela deficiência que vou demorar, mas é mais uma questão de estudo mesmo, agora, o que bate muito é a questão formal, de como ler e tocar ao mesmo tempo, então sempre tenho que decorar as coisas que toco, isso é uma barreira, às vezes não tem como decorar rápido porque seria melhor ler a cifra na hora, isso acontece pouco, mas acontece” (João Pedro).*

Salto é a técnica referente ao piano, que consiste em trocar de teclas que estão relativamente distantes umas das outras no teclado, uma vez que o piano possui teclas absolutamente iguais umas às outras no que se refere a texturas e formatos, especialmente as chamadas teclas brancas, das quais é fundamental ter absoluta noção de distância de uma tecla para outra.



É o salto que aqui trazemos, especialmente, como um termo caro para operarmos a leitura de nosso texto. Deste momento em diante, será aqui uma referência para os movimentos das dinâmicas dos processos que refletimos neste estudo, os da apropriação, da objetivação e da constituição da historicidade de João Pedro. Assim, buscamos desenvolver em nossa reflexão uma percepção de onde estamos, para onde vamos e por vezes retornamos. Como esse processo se deu na trajetória de João Pedro, considerando-se a compreensão dos processos de apropriação, de objetivação e da dialética sócio-histórica que o permeia?

### 3 JOÃO PEDRO EM SI PARA SI: SALTOS ENTRE MODELO MÉDICO E SOCIAL DE DEFICIÊNCIA

Neste momento, partimos do que nos traz João Pedro como indicativos dessa dinâmica de trajetória de vida e experiências ao relatar sua trajetória de influências musicais, mas especialmente quando entendemos essas influências como a constituição dos ambientes aos quais ele estava e está inserido e, por fim, a apropriação e objetivação em sua mais pura essência.

*“[...] eu acho que a música erudita na verdade foi o meio do caminho, e não o início. Ela foi o meu instrumento de entrar nesse mundo mais formal de estudos, mais acadêmico, mas a música popular sempre teve presente, mais por tradição de casa... Eu cresci ouvindo música gaúcha e Raul, e também tive a fase Legião Urbana...” (João Pedro).*

Cada pessoa, cada indivíduo, é resultado de toda sua trajetória, humana/social, física/filogenética, e essa é a única forma de realmente pensarmos sobre quem são essas pessoas, esses indivíduos, sujeitos, bem como os aspectos sociais, discursivos, as ideologias e práticas também constitutivos de suas historicidades.

Kassar (2000) concebe as realidades considerando tais elementos fundamentais na constituição dos processos históricos humanos e em nossas concepções de mundo, constituintes dos pensamentos de acordo com o momento histórico em que se está. No mesmo sentido, Duarte (2017), Lukács (1982), Heller (1977), Ciampa (1987) e Woodward (2000) indicam os processos relacionais dialéticos, entre indivíduos e meio, como vetores dos processos de objetivação, por meio da apropriação e internalização desses mesmos processos, ressignificando-os na forma da cultura e objetivados na manifestação desta.



Nesse contexto, a deficiência surge como uma espécie de indicativo potente dos limites predeterminados por esses padrões, posto que “A concepção de deficiência como uma variação do normal da espécie humana foi uma criação discursiva do século XVIII e, desde então, ser deficiente é experimentar um corpo fora da norma” (Diniz, 2007, p. 4).

Ao longo do desenvolvimento histórico, especialmente a partir da Modernidade, essa forma de pensar, entender o mundo e as realidades revestiu-se de uma gama de doutrinas filosóficas, pensamentos cientificistas, métodos e afins que buscavam e buscam definir de que maneira as dinâmicas sociais movimentam-se. O que não significa desconsiderar os avanços da medicina, que, segundo Diniz (2007), em muito trouxeram qualidade de vida para pessoas com e sem deficiência. No entanto, também não significa eliminar os obstáculos, suplantar as dificuldades, que em geral são inerentes à vida de pessoas com deficiência, mesmo em suas relações mais cotidianas, como vemos na fala a seguir de João Pedro: *“a minha mãe conta que, quando eu era pequeno, eu não ganhava brinquedos tipo carrinho..., mas sempre ganhava brinquedos que faziam sons (aquela história do cara cego tem que ter coisas sonoras)”*.

A partir da década de 1970, um novo entendimento acerca da deficiência passou a ganhar força, distinguindo-a de “lesão”, sendo este um conceito fundamental do entendimento biomédico, confrontado pela compreensão da deficiência como uma questão social/cultural. “Para o modelo médico, lesão levava à deficiência; para o modelo social, sistemas sociais opressivos levavam pessoas com lesões a experimentarem a deficiência (Diniz, 2007, p. 11). Assim, tem-se o surgimento de uma nova forma de conceber a deficiência, pois temos os deficientes como personagens sociais, plenos de suas potencialidades enquanto sujeitos históricos. Esses sujeitos históricos transitam na/pela constituição de um modelo social da deficiência, ou seja, considera-se também a deficiência como um fenômeno sociológico.

Segundo Diniz (2007), nas contradições do desenvolvimento do modelo social da deficiência, vemos que, ao longo de suas diferentes gerações de pensadores e ideólogos, havia em um primeiro momento uma preocupação primordial pela inserção nos meios produtivos e na caracterização da independência e autonomia dos deficientes, beirando uma busca, salvas as devidas proporções, por algo como uma “normalidade”, ainda consonante aos modelos capitalistas de produção. “Se para o modelo médico o problema estava na lesão, para



o modelo social, a deficiência era o resultado do ordenamento político e econômico capitalista, que pressupunha um tipo ideal de sujeito produtivo” (Diniz, 2007, p. 11).

Neste estudo, temos um homem, branco, que em geral não apresentou em seus relatos uma condição de vulnerabilidade social/econômica, mas o que se apresenta aqui é o papel de sua mãe, mulher, geradora das condições mais potentes para uma apropriação de si para si. Ela é parte significativa na constituição da historicidade de um indivíduo que tem na família, seja esta tradicional ou não, a figura da mulher como elemento objetivante e objetivada na dialética entre indivíduo e coletivo, na composição de um olhar do qual este se apropria e nele se objetiva.

A mãe se apropria da realidade do filho, fazendo com que, por sua objetivação, na deficiência, o filho se aproprie de novas percepções, assim se objetivando na dialética desse processo relacional. Um compartilhamento de mundos, realidades, deficiência e humanidade, elementos fundamentais para o que chamamos de rupturas na estigmatização, que aqui neste estudo são definidos para além da estigmatização.

*“[...] a minha mãe, por sempre me dar condições de fazer as coisas e manter a autonomia, por exemplo, minha mãe aprendeu Braille pra me ensinar. Ela trouxe pra vida dela a questão da deficiência, sempre se reinventar, então isso é muito admirável” (João Pedro).*

Isso não significa um ignorar da deficiência, mas, sim, a partir dela, conceber uma outra realidade e assim agir sobre sua própria realidade e das estruturas sociais nas quais o indivíduo se encontra. Estruturas sociais estas marcadas pelo estigma historicamente constituído e arraigado nas culturas humanas e sociais, os quais apresentam-se para cada indivíduo, especialmente pessoas com deficiência, na forma de realidades impostas a eles, que passam a ser sujeitos de suas historicidades estabelecidas com base em suas apropriações e objetivações, protagonistas de um outro processo inerente a tais realidades, o da estigmatização.

#### **4 JOÃO PEDRO: UM SALTO PARA ALÉM DA ESTIGMATIZAÇÃO**

Ao longo deste artigo, falamos de autonomia, independência, individualidade, sem desconsiderar as limitações e potencialidades, mas a partir dessas, sendo a deficiência o elemento mais significativo dessas relações aqui observadas. Quando utilizamos a expressão “além da estigmatização”, estigmatização essa da deficiência, rompemos com uma relação



paradigmática e segregadora. É o que entendemos como resposta imediata a nossos questionamentos neste estudo, pois fundamentalmente corrobora nossa hipótese: políticas públicas e ações que visam reconhecimento e justiça social são insuficientes para romper o processo, longo e contínuo, de estigmatização das pessoas com deficiência.

Não é apenas como as coisas são, e sim como elas precisam ser. As condições de cada sujeito, cada indivíduo, as formas como ocorreram seus processos de apropriação e objetivação serão indicativos de uma ruptura ou não da estigmatização. Nossa tese é de que – por meio do entrelaçamento de inúmeros mecanismos de inclusão, de políticas públicas eficientes, muito especialmente pela compreensão dos processos de apropriação de cada indivíduo, do entendimento de sua historicidade – potencializamos nossa percepção, bem como a percepção do próprio indivíduo para si, das formas como este veio a objetivar-se e, assim, estabelecer operadores efetivos no que se refere ao aprimoramento das condições de vida e realidade desse sujeito.

Dessa forma, torna-se sujeito de seu próprio processo histórico e conhecedor de seus limites e suas potencialidades. O indivíduo não será moldado às condições que lhe são dadas, e sim, na forma de sujeito em si e para si, será operador de suas próprias condições, apropriando-se dos processos de tais condições e realidades.

O estigma não desaparece, as barreiras não serão necessariamente eliminadas, contudo, o indivíduo, agora sujeito de seus próprios processos históricos, é o agente possibilitador dos caminhos a serem trilhados e dos saltos a serem executados, uma vez que se apropriou de si, a partir de sua objetivação para si.

*“[...] mas a gente aprende a viver e fazer as coisas de outra maneira, mas o que quero dizer é que isso nunca me impediu de fazer nada (a não ser pilotar avião ou dirigir). É algo que eu aprendi de casa que isso nunca ia me impedir de fazer alguma coisa, mas claro que a gente encontra as barreiras do caminho, e não vou dizer que a deficiência não me fez chegar nas coisas de outra maneira, ou me demorar mais em algumas coisas, mas eu não lamento por isso, é só uma coisa que pensando eu consigo colocar aqui” (João Pedro).*

Ser pessoa com deficiência não é elemento determinante na constituição desse sujeito, desse indivíduo e de sua individualidade? Certamente que é determinante, pois a deficiência é inerente à constituição de sua individualidade, constituinte das formas como cada um dos caminhos percorridos se deu, das maneiras com que se apropriou do mundo e



suas realidades e de como vem e permanece se objetivando no mundo. Contudo, é determinante nas maneiras como o outro vai escutar sua música?

O que queremos dizer é que, sim, João Pedro músico é o mesmo João Pedro indivíduo, e não é apesar da deficiência visual que ele se constitui como indivíduo e como indivíduo músico, mas é com ela e em todos os entrelaçamentos decorrentes de sua trajetória. A maneira como ouvimos a música de João Pedro é concomitantemente determinada por nossos próprios processos de apropriação e objetivação, tenham estas ocorrido das formas como ocorreram.

Assim como o estigma tem suas bases arraigadas em lastros socioculturais profundos, as possibilidades para o que aqui chamamos de rupturas da estigmatização, ou estar para além dela, também encontram seu lugar em apropriações internalizadas ao longo do processo histórico, sobretudo quando estas ocorrem em contraposição ao estigma. Isso gera no indivíduo, aqui João Pedro, tanto quanto em sua trajetória, as condições para objetivar-se nessas contraposições a partir de si mesmo.

*“[...] um dia cantei na escola e parece que fui percebido como quem sabe fazer alguma coisa! Mas foi bom, até depois toquei piano – um minueto, era adolescente – e antes de sair da sala de música e tocar na rua, porque não foi na escola. Com uns 14, 15 anos comecei a tocar acordeom com alguns conhecidos, em aniversários... E apesar de o primeiro lugar que eu toquei não ter sido na escola, eu já chegava na escola com uma postura diferente, uma autoestima de ‘eu sei que eu faço alguma coisa legal’” (João Pedro).*

Os questionamentos e as respostas possibilitadas para cada indivíduo tornam-se mais poderosos quando partem de si para si, quando João Pedro percebe-se como parte de seu próprio processo de constituição histórica.

*“E essas coisas eu procuro trazer para as aulas também, como esses dias quando estava conversando com um aluno, trouxe essas relações pra ele, e quando eu estava dando aula, algumas coisas eu pedia pra alguém escrever no quadro exatamente como eu falava, e outras eu dizia: ‘eu vou explicar, e vocês anotam como acharem melhor’, pra estimular os alunos a serem autônomos” (João Pedro).*

Vale destacar a sutil ênfase dada por ele de que as informações precisam ser transcritas exatamente como ele está falando. O que indica uma demanda corriqueira na vida de pessoas com deficiência visual: a de que, por vezes, é presente a incerteza de que as coisas estão ou não sendo feitas da forma desejada. Quando, portanto, torna-se possível perceber



indicativos, a partir de sua historicidade, de um processo que leva a constituição do indivíduo como sujeito afirmativo ou não de sua trajetória.

Neste estudo, buscou-se entender em que medida os processos de apropriação e objetivação, compreendendo a deficiência como um elemento social, são indicativos de rupturas na relação entre esses indivíduos e a estigmatização em sua forma social, processual. Em especial, procurou-se refletir de que maneira esses processos, enquanto sociais, potencializam as relações.

Os processos de apropriação e de objetivação não determinam arbitrariamente quem somos e quem seremos, e sim como nos percebemos e atuamos sobre nossas realidades a partir delas. Tais processos dizem como nos constituímos e as maneiras como potencialmente desenvolvemos nossa compreensão das coisas. Apresentam-se como causantes e consequentes de nossa historicidade, uma vez que são constituintes de nossas individualidades em si e para si, ou seja, onde estamos, quem somos, ao mesmo tempo que temos a possibilidade de tomarmos consciência de para onde vamos e como pretendemos ser.

Essa apropriação não deve ser entendida como um processo absolutamente espontâneo das dinâmicas sociais, especialmente quando confrontadas com estruturas hegemônicas de poder e sociedade, que atuam diretamente sobre as formas do pensamento humano e sua constituição, mas, ainda assim, também sendo apropriação. Referimo-nos aqui às ações, práticas, aos mecanismos e às estruturas de alienação social inerentes ao modo de produção capitalista, dominante em nossos dias.

Como vimos neste estudo, há distanciamento, “obstaculização” das formas potencializadoras de percepção das realidades, manipulação dos cenários sociais, das ações humanas e do pensamento humano, sobretudo refletidos nas políticas públicas e na determinação de modelos humanos interessantes a esse modelo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo explorou a trajetória de João Pedro, um músico com deficiência visual, destacando diferentes situações sociais, contextos escolares, familiares e laborais que influenciaram sua individualidade. Ao longo do argumento, constatou-se que políticas públicas e ações voltadas para o reconhecimento e a justiça social são insuficientes para



romper o contínuo processo de estigmatização das pessoas com deficiência. É necessário ir além das condições existentes, considerando as particularidades de cada sujeito, seus processos de apropriação e objetivação, a fim de promover uma verdadeira ruptura da estigmatização.

A tese defendida é a de que, por meio do entrelaçamento de diversos mecanismos de inclusão e de políticas públicas eficientes, juntamente com a compreensão dos processos de apropriação de cada indivíduo e sua historicidade, é possível fortalecer a percepção do sujeito sobre si mesmo, assim como suas condições de vida e realidade. Dessa forma, o indivíduo se torna o protagonista de seu próprio processo histórico, compreendendo seus limites e suas potencialidades e agindo sobre suas próprias condições, ao invés de ser moldado pelas condições impostas pela sociedade.

Embora o estigma e as barreiras possam persistir, ao se apropriar de si mesmo, o indivíduo é capaz de trilhar novos e potentes caminhos. A deficiência é parte integrante da constituição da individualidade de cada pessoa, influenciando suas experiências e formas de interação com o mundo. No entanto, é importante destacar que a deficiência não define completamente a pessoa, mas, sim, se entrelaça com outros aspectos de sua vida, incluindo sua expressão artística, como é o caso de João Pedro como músico. Portanto, a maneira como percebemos a música de João Pedro e sua habilidade como músico também é determinada pelos nossos próprios processos de apropriação e objetivação. A deficiência faz parte de sua trajetória e contribui para sua individualidade, mas não limita sua capacidade de expressão artística. Reconhecer essas interseções é essencial para promover uma sociedade mais inclusiva e valorizar plenamente as contribuições das pessoas com deficiência em diversas áreas.

Por fim, este estudo buscou compreender como os processos de apropriação e objetivação, considerando a deficiência como um elemento social, podem indicar rupturas na relação entre os indivíduos e a estigmatização em sua forma social e processual. Ficou evidenciado que esses processos, como fenômenos sociais, fortalecem as relações das pessoas com deficiência com o mundo em que vivem, permitindo que se tornem agentes sociais. Ao se reconhecerem como agentes sociais, as pessoas com deficiência podem romper os grilhões sociais do estigma, baseando-se em suas histórias individuais para afirmarem-se como sujeitos plenos.



## 6 AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio para a realização deste trabalho – Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

424

BRASIL. **Lei n. 13.146**, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015.

CIAMPA, A. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, set.-dez. 2012.

DINIZ, D. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUARTE, N. **A individualidade para si**: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

GOFFMAN, E. **Stigma**: notes on the management of spoiled identity. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1963.

HELLER, A. **sociología de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1977.

KASSAR, M. C. Marcas da história social no discurso de um sujeito: uma contribuição para a discussão a respeito da constituição social da pessoa com deficiência. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, v. 20, n. 50, abr. 2000.

LUKÁCS, G. **Estética**. Barcelona: Grijalbo, 1982.

MADRUGA, S. **Pessoas com deficiência e direitos humanos**: ótica da diferença e ações afirmativas. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

## AUTORES

MARCUS MORAES. Graduado e licenciado em História - UFRGS. Doutorando em Educação, pela UFRGS. Bolsista CNPq. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9468-4797> E-mail: [marcusmoraes77@gmail.com.br](mailto:marcusmoraes77@gmail.com.br)



CARLA K. VASQUES. Doutora em Educação - UFRGS. Professora do PPGEDU/UFRGS. Orcid iD:  
<https://orcid.org/0000-0002-3284-8749>. E-mail: [k.recuero@gmail.com.br](mailto:k.recuero@gmail.com.br)